

Estratégias de Melodrama em “Que Rei Sou Eu?”: A Farsa na Busca do Realismo¹

Maria Luísa de MORAES PEREIRA²
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

RESUMO

O presente trabalho irá analisar a telenovela brasileira “Que Rei Sou Eu?”, de 1989, exibida às 19h pela Rede Globo, através de teorias do melodrama propostas por autores como Martín-Barbero, Ivete Huppés, entre outros, que buscarão explicar as estratégias usadas para aproximar a novela dos debates políticos da esfera pública (HABERMAS) daquele momento, se utilizando de estratégias alegóricas (XAVIER) de reconstrução histórica do Brasil dos anos 1980. Como uma novela conhecida como “capa-e-espada” foi capaz de construir uma determinada imagem de uma realidade política do país, e fazer com que o público identifique essa crítica em relação aos debates da Nova República. Temos como hipótese de pesquisa detectar as estratégias cinematográficas e melodramáticas utilizadas para aproximar a discussão do público.

PALAVRAS-CHAVE: telenovela-melodrama-realismo

INTRODUÇÃO

O melodrama é um gênero surgido no teatro, em meados do século XVII. Sua principal característica sempre foi o exagero. Atuações exacerbadas, impostação de voz, exageração nas expressões corporais e faciais, cenários e figurinos extravagantes, trilha sonora que ressalte o que está sendo mostrado, e uma busca por reações extremas do público são aspectos definidores do melodrama (MARTÍN-BARBERO, 1997).

O que também caracteriza o gênero desde seus primórdios é a divisão clara entre personagens “do bem” e “do mal”, caindo em quatro arquétipos basicamente descritos como: mocinho, vilão, herói e bobo. Cada um desses tem sua função na história, que deve ser de fácil entendimento para o público. O núcleo duro da narrativa melodramática é o embate entre vilão e herói, trazendo a “salvação” da vítima/mocinho, enquanto o papel de bobo serve para trazer alívio cômico.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada Televisiva do XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Imagem e Som da UFSCAR, e-mail: mmlunoraes@gmail.com // marialmp@estudante.ufscar.br

Com a evolução do melodrama e sua transição para o audiovisual, as atuações exacerbadas, farsescas, os cenários com cores fortes, os closes nas expressões faciais dos atores, o som enfatizando a emoção das cenas, e as demais características já citadas se sedimentaram como fortes marcas do gênero, fazendo com que o público facilmente reconheça quando está diante de uma obra melodramática. Trazendo para o contexto das telenovelas, especialmente telenovelas brasileiras, e mais especificamente “Que Rei Sou Eu?”, vamos analisar essa estrutura muito bem aplicada em cada aspecto da obra e a relação delas com a discussão política proposta.

Apesar da cenografia alegórica, temos um texto bastante mordaz e crítico, que se alinha com a realidade política vivida no Brasil da segunda metade da década de 1980. A novela, temporalmente situada entre os anos de 1786 e 1789, ou seja, pouco antes da Revolução Francesa, é ambientada num fictício reino europeu chamado Avilan. Seu mote inicial é a morte do Rei Petrus II (Gianfrancesco Guarnieri) e a conseqüente disputa para assumir o trono.

De um lado, a Rainha Valentine (Tereza Rachel), mulher histérica e considerada incapaz, completamente manipulada pelos conselheiros do rei, homens incompetentes e corruptos à exceção de um deles. Do outro lado, o bruxo Ravengar (Antônio Abujamra) e sua obsessão pelo poder. Em seu testamento, o Rei revelou a existência de um filho bastardo, porém, com a impossibilidade de localizá-lo, Ravengar arquiteta um plano onde consegue um jovem para se passar por herdeiro e, através dele, assumir o trono.

O verdadeiro filho do rei, no entanto, é Jean Pierre (Edson Celulari). Líder de uma aliança rebelde que busca igualdade de direitos, seu principal objetivo é derrubar os monarcas. Dessa forma, Ravengar e seu pupilo Pichot (Tato Gabus Mendes) se tornam os vilões da história, sendo os responsáveis por impedir o herói Jean Pierre de saber a verdade sobre sua identidade e assim lograr seu propósito. Obedecendo as regras do melodrama, Jean também se envolve em um triângulo amoroso com as jovens Aline (Giulia Gam) e Suzane (Nathalia do Vale).

Como se percebe, a novela alia elementos folhetinescos (como romances, paternidades ocultas, etc) com uma crítica política bem aplicada. Embora não fosse incomum para a época, tendo em vista que desde os anos 1970 autores como Dias Gomes, Lauro César Muniz e outros abordassem a política em obras como “O Bem-Amado”, de 1973, “Saramandaia”, de 1976, ou “Roda de Fogo” de 1986, após o fim da ditadura essa abordagem se tornou cada vez mais explícita, como em “Vale Tudo”, de Gilberto Braga,

Leonor Bassères e Aguinaldo Silva, exibida em 1988, e “O Salvador da Pátria”, do próprio Lauro César Muniz, exibida em 1989.

No entanto, todas as novelas citadas foram ao ar em horário nobre, às 20h ou às 22h. Novelas das 19h, como “Que Rei Sou Eu?” costumavam ser voltadas para a comédia, com tramas mais cômicas e temas mais leves. Isso levou a Rede Globo a barrar o projeto de Cassiano em duas ocasiões, em 1977 e 1983, ambas pela preocupação com o teor político da novela. Vale lembrar que, nestes anos, a ditadura militar ainda operava com força no Brasil, e tinha na Rede Globo e em seu fundador Roberto Marinho, um importante aliado, como destaca José Arbex Jr.

“A ditadura compreendeu imediatamente a importância que teria um meio de comunicação capaz de projetar uma imagem consensual de Brasil em conformidade com os seus próprios interesses, valores e ideologia. [...] Marinho não era “apenas” um “simpatizante” ou propagandista do regime. Era um articulador, um conspirador ativo, fazia “parte do time”” (ARBEX, p. 10)

Importante ressaltar também que nas duas vezes em que a novela foi vetada, ela seria veiculada no horário das 20h, mas quando finalmente foi produzida passou às 19h devido à sua comédia escrachada. Em entrevista da época à revista Istoé, citada no livro “Gabus Mendes: Grandes Mestres do Rádio e da Televisão”, de Elmo Francfort, Cassiano diz:

“...A gente fica tão desiludido com as coisas que vê neste país que, há anos, eu estava louco para fazer alguma coisa em que eu pudesse mexer um pouquinho com política. E foi uma sorte danada, que me deixaram fazer agora essa novela de época, que é um projeto, que tenho já a algum tempo. Em 83, eu fiz uma sinopse de uma novela de capa e espada, falada normalmente, com problemas do cotidiano e tal. Mas eles autorizaram agora e veio a calhar, porque tem o problema da política que é maravilhoso: a esculhambação deste país, a bandalheira... foi sopa no mel. Se fosse fazer a novela “Que Rei Sou Eu?” naquela época, não iria para o ar nunca, porque a censura não iria deixar jamais” (GABUS MENDES, p. 239)

Para além de trama e texto, também são objetos de estudo os cenários, figurinos, maquiagem, direção, atuações, entre outros aspectos, explicando dessa forma como a novela conseguiu integrar o debate político com o exagero melodramático, responsável por prender o telespectador por meses a fio, enquanto este assimila a mensagem política.

“O melodrama de 1800 [...] está ligado por mais de um aspecto à Revolução Francesa: à transformação da canalha, do populacho em povo e à cenografia dessa transformação. É a entrada do povo duplamente "em cena". As paixões políticas despertadas e as terríveis cenas vividas durante a Revolução exaltaram a imaginação e exacerbaram a sensibilidade de certas massas populares que afinal podem se permitir encenar suas emoções. E para que estas possam desenvolver-se o cenário se encherá de cárceres, de conspirações e justiçamentos, de desgraças imensas sofridas por inocentes vítimas e de traidores que no final pagarão caro por suas traições.” (MARTÍN-BARBERO, p. 158)

Segundo a visão de Martín-Barbero, o melodrama está mais ligado à política do que a princípio se pensa. Quando uma novela, ou obra de dramaturgia num geral, consegue mover o espectador ao ponto de permiti-lo extravasar suas próprias emoções num contexto fictício, entende-se que a conexão entre ficção e realidade foi feita.

“QUE REI SOU EU?” NAS TELENOVELAS BRASILEIRAS

No contexto do nosso país, as telenovelas são, ainda, o principal e mais consumido produto audiovisual.

“É possível afirmarmos que a telenovela no Brasil, ao longo de seus 50 anos de existência, conquistou reconhecimento público como produto artístico-cultural e ganhou visibilidade como agente central do debate sobre a cultura brasileira e a identidade do país. Ela também pode ser considerada um dos fenômenos mais tardios da modernidade brasileira, por combinar o arcaico e o moderno, por fundir dispositivos narrativos anacrônicos e imaginários modernos e por ter a sua história fortemente marcada pela dialética nacionalização-comunicação de massa dentro do Brasil” (LOPES, p.2)

Acessível na maioria das casas brasileiras³ e, principalmente, abarcando um público essencialmente heterogêneo, a televisão consegue centralizar debates, definir questões importantes para discussão, ditar moda como roupas, acessórios, entre outros, e, especialmente a telenovela, seu produto de maior audiência, consegue atingir o público sem distinção de gênero, classe social, ou qualquer tipo.

Inúmeras telenovelas já foram de suma importância para a sociedade brasileira como um todo, interferindo na política de forma direta – como a criação do Estatuto do

³ Fonte: IBGE <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>

Idoso, em 2003, após a exibição da novela “Mulheres Apaixonadas”, ou a promulgação da Emenda Constitucional (PEC) das Domésticas, em abril de 2013, seguindo a novela do ano anterior, “Cheias de Charme”, para citar alguns exemplos – e de forma indireta, apresentando a política nacional como pano de fundo e tecendo fortes opiniões e críticas sobre ela.

“...a ficção televisiva é um elemento decisivo, pois diz respeito ao modo como as indústrias culturais estão reorganizando as identidades coletivas e as formas de diferenciação simbólica, ao produzir novas hibridações que fragilizam as demarcações entre o culto e o popular, o tradicional e o moderno, o próprio e o alheio. A telenovela aparece como um modo de entrecruzamento não só de formas de investigação sobre a cultura de massa, senão de estados de reflexão teórica sobre as relações entre a televisão, os gêneros “cultos” e “populares”. Através dela é possível identificar o lugar da ficção narrativa na constituição do imaginário social e, no caso da telenovela brasileira, o que as diferenças regionais fazem a um produto que atravessou fronteiras.” (LOPES, p.8)

“Que Rei Sou Eu?”, como já dito, ambienta sua diegese perto da Revolução Francesa e foi veiculada no tenso período de redemocratização do Brasil, recém saído de uma ditadura militar. Sobre isso, o artigo de Dilma Beatriz Rocha Juliano, “Que Rei Sou Eu?: A Exposição das Fraturas da Modernidade Brasileira” traz uma interessante análise do título da novela.

“Morto o rei de Avilan – depostos os militares brasileiros (década de 80, séc. XX) – saem de cena tanto a representação personalista do papel do chefe, como a da nação soberana, e aparecem as regiões geopolíticas como resultado da fragmentação real. Que cara tem o novo “ditador”? E, por consequência, qual a “identidade nacional” de um Brasil escancaradamente fracionado?” (JULIANO, p. 3)

Esse aspecto “perdido” do povo brasileiro pós-ditadura é percebido também por historiadores como Bóris Fausto, que, acerca desse período e das eleições diretas afirma que se o populismo como sistema estava morto, algumas figuras políticas populistas continuavam vivas (FAUSTO, 1994). Ou seja, a figura dos candidatos, seu carisma e persuasão faziam o povo crer no que se chama de “salvador da pátria”, alguém que pudesse unir o país em torno de sua pessoa.

Em poucos trabalhos acadêmicos especificamente voltados para “Que Rei Sou Eu?” podemos encontrar a ideia de que a novela contribuiu para a eleição do presidente Fernando Collor de Mello, eleito no ano de exibição da obra, 1989, e impeachmado em 1992, após problemas de corrupção. Essa fama marcou a novela, até hoje no público geral há quem afirme que a Rede Globo a usou indiretamente para ajudar Collor em sua campanha, como ressaltam também Alessandro de Almeida e Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida, em seu artigo “Que Presidente Sou Eu?: A Telenovela Como Instrumento de Propaganda Eleitoral nas Eleições de 1989”. Eles afirmam:

“...Cassiano Gabus Mendes, ao compor a novela, parece contemplar a crítica sobre a situação sócio-política do Brasil, entretanto, vê-se que, claramente, a apresentação de Que Rei Sou Eu? Foi utilizada, de forma intencional, pelo veículo de comunicação, com propósitos de propaganda eleitoral.” (ALMEIDA, p.7)

Em mais de uma ocasião, o autor negou que tenha feito em sua novela uma representação de Collor *versus* Lula através do embate entre Jean-Pierre e Pichot, um nobre – ainda que desconhecendo este fato por boa parte da novela – com boas intenções, e um mendigo que se associa aos líderes corruptos. Gabus Mendes explica que Jean-Pierre não representava nenhum candidato, mas sim o povo brasileiro, cansado da desigualdade social⁴.

Neste artigo vamos analisar a partir da dualidade entre realismo (Bazin, 1991) e alegoria (Xavier, 2005), as estratégias utilizadas para se amparar na crença do real através do artefato fílmico de dispositivos alegóricos, capazes de fazer o espectador correlacionar a trama/diegese ao debate político daquele momento. Entre os itens analisados estarão: atuações teatrais, figurinos pesados e brilhantes, maquiagem forte, cenários pomposos, música medieval, etc.

O que se busca é desenvolver hipóteses sobre a crítica da trama, que se utilizava de estratégias o mais próximas possível de uma concepção de reconstituição histórica, sempre apresentando uma história feita pela classe dominante (BERNARDET, 2005). Por exemplo, o fato de que o protagonista Jean Pierre era afinal um nobre, enfraquece de certa forma a mensagem de “poder para o povo”. Ele é o rei, mas o lugar que ocupa

⁴ Fonte: Site Teledramaturgia <http://teledramaturgia.com.br/que-rei-sou-eu/>

sempre foi dele de direito. No entanto, considerando o que já foi aqui discutido, jamais poderia ser diferente tendo em vista o fato de ser uma novela da Rede Globo.

REALISMO “MELODRAMÁTICO” – ALEGORIA E FARSA

O conceito de realismo na dramaturgia, de acordo com David Bordwell e Kristin Thompson é difícil de se definir, tendo em vista que essas noções variam de acordo com as culturas, ao longo do tempo, e até mesmo entre indivíduos (BORDWELL; THOMPSON, 2010). André Bazin (1991) escreve “...a ideia cinematográfica com uma representação total e integral da realidade; ela tem em vista, de saída, a restituição de uma ilusão perfeita do mundo exterior, com o som, a cor, o relevo”. Em palavras mais simples, aquilo que é mais próximo da realidade possível, ou aquilo que “aconteceria na vida real”.

No entanto, a vida real, imprevisível e caótica, pode nos presentear muitas vezes com situações esdrúxulas que nos fazem exclamar “parece coisa de novela!”. Desse modo, o realismo na dramaturgia seria algo não que se aproxime do real, mas nos faça crer que a novela, filme, peça, etc. é real, dentro do universo proposto.

Um dos modos mais eficientes de fazer pensar a dita realidade, sem de fato concentrar-se em representa-la fielmente em todos os seus aspectos, é a alegoria, um “processo de significação que mais se identifica com a presença da mediação, ou seja, com a ideia de um artefato cultural que requer sistemas de referências específicos para ser lido, estando, portanto, distante de qualquer sentido do natural” (XAVIER, 2005).

“Que Rei Sou Eu?” nos apresenta reis, rainhas, princesas, castelos, guilhotinas, masmorras, lutas de espadas... tudo isso para retratar de maneira satírica a política brasileira, onde não existem nenhum desses elementos, mas sim a corrupção, as tramoias, a desigualdade social e a pobreza presentes na novela.

Retomando o comentário de Juliano sobre o título da novela – uma pergunta ao invés de uma afirmação – e na intenção de explicar a escolha da alegoria histórica como estética e ambientação da novela, recorro à Ismail Xavier, quando este diz que as alegorias “frequentemente surgem de controvérsias, conflitos de interpretação, confrontos ligados às lutas por hegemonia num mundo no qual o choque de culturas e a rede de interesses materiais e sistemas simbólicos tendem a produzir uma instabilidade generalizada” (XAVIER, 2005).

Assim, listo os tópicos que constituem a produção e aponto seus aspectos farsescos. Começando pelos cenários, semelhantes aos de teatro, funcionando de fato como um palco onde as cenas se desenvolvem, sem maiores significados para a trama em si. A Rede Globo embora nos anos 1980 já fosse uma grande potência, pareceu propositalmente não investir em cenários (nem figurinos e maquiagem, como falaremos a seguir) luxuosos ou que reproduzissem com fidelidade a Europa do século XVIII.

Ao invés disso, o brilho e os exageros da cenografia serviam ao propósito de paródia, sátira, que a novela tinha. As roupas seguiam na mesma linha, mangas bufantes e vestidos com saias enormes eram comuns, assim como maquiagens exageradas, como o pó branco usado nos conselheiros do rei, e as perucas um pouco desajustadas, deixando bem claro que se tratava de algo “falso”, encenado. A trilha sonora era notadamente melodramática. Apropriando-se da temática “medieval”, apostava em instrumentais épicos marcando as cenas de lutas e aventuras, e nas canções escolhidas para os personagens, como comum das novelas da Globo nos anos 1980, hits da MPB e música internacional que eram sucesso nas rádios.

Já os componentes alegóricos e realistas, que buscavam vincular a trama à “vida real” eram principalmente os seguintes:

- a) Contexto Histórico: a novela aludia à França do final da Idade Moderna, com sua monarquia absolutista em crise e suas intrigas pelo poder, e também ao Brasil de seu contexto de exibição, retratando as desigualdades sociais, a corrupção, a crise de identidade do povo brasileiro, e sua busca por um líder.
- b) Conflitos Sociais: a divisão clara entre ricos e pobres, marca do Brasil da época, aparecia ali como a diferenciação entre nobres e plebeus. Além dos entraves amorosos, essas categorias “não podiam” interagir, sendo essa interação sempre fonte de conflitos devido à hierarquia do reino e às diferenças de costumes.
- c) Questões Políticas: intrigas, alianças, traições, e demais recursos políticos eram frequentemente utilizados como plots, isto é, tramas que mantém a novela movimentada e, nesse caso, se articulavam com o que o público via acontecer também fora da ficção, permitindo que a crítica fosse identificada.

MELODRAMA “REALISTA” – PAIXÕES E CORRELAÇÕES COM A REALIDADE

O melodrama é comumente relacionado a situações rocambolescas e de pouca credibilidade, considerado muitas vezes apelativo e acusado de exagerar situações para gerar o engajamento do público. Essas afirmações são, de fato, verdadeiras, contudo se tomadas ao pé da letra, elas poderiam invalidar um melodrama histórico, ou que busque retratar algo que realmente aconteceu.

Sabemos, entretanto, que o simples fato de serem encenados, ainda que com a maior fidelidade aos fatos possível, já os distancia de qualquer realidade e, portanto, abre a margem para que ingredientes melodramáticos se misturem às histórias. Como explica Huppés:

“O que acontece agora é que o recurso soma-se a estratégias deliberadamente voltadas para envolver o espectador. Segundo a fórmula romântica, temas conhecidos, temas que desfrutam de prestígio são elaborados de modo a dar destaque para a motivação pessoal das ações. A vida íntima das personagens vai para o centro da cena, de forma que o contato com as grandes figuras pode ter o objetivo edificante de divulgar a virtude, mas também tem um potencial de surpresa derivado das artimanhas montadas no campo dos sentimentos” (HUPPES, p. 45)

Assim, considerando que as características melodramáticas são essenciais e apontadas como a principal razão do sucesso das telenovelas, reuniremos aqui os elementos usados em “Que Rei Sou Eu?” e uma breve análise de cada um.

- a) **Conflitos Amorosos:** como base de toda telenovela, os conflitos amorosos jamais podem ser deixados de lado. Em “Que Rei Sou Eu?” o protagonista, para além de sua busca pela ascensão do povo ao poder, se vê envolto entre dois amores que despertam a torcida do público, que fica pendente de acompanhar a resolução dos casais. Nos outros núcleos isso também está presente, e outros pares conquistam atenção, sempre com obstáculos pelo caminho. São amores proibidos, triângulos amorosos, diferenças de classes sociais (vários casais são formados entre nobres e plebeus) e mais conflitos que adicionam drama às histórias de amor.
- b) **Traições e Segredos:** também na raiz do melodrama está o “desmascaramento” dos vilões, o momento chave onde os protagonistas enxergam aquilo que não enxergavam antes. Em “Que Rei Sou Eu?” o grande mistério se dá sobre quem é o herdeiro do rei, uma vez que o mendigo Pichot (Tato Gabus Mendes) é desmascarado como impostor. Loulou Lion (Ítala Nandi) é a única que sabe do segredo desde o início, pois criou Jean Pierre como filho. Todo esse imbróglio

gera um interesse por saber de que forma os personagens vão saber da verdade, como serão suas reações e quais as consequências disso na trama.

- c) Problemas Familiares: o segredo sobre a origem de Jean Pierre revela não somente um empecilho na trajetória do herói, como também um dilema moral. Como um rebelde que sempre foi contra a monarquia se tornaria ele mesmo um rei? Será que ele seguiria com seus princípios ou se deixaria corromper pelo poder? Como isso afetaria sua relação com os demais personagens? São perguntas que reverberam no público e cujas respostas são cobradas por este.
- d) Sofrimento: não à toa os mocinhos são também chamados de “vítimas” na literatura. No esquema do melodrama, o mocinho é alguém enganado, prejudicado por algo ou alguém, e deve sair em busca da verdade, que o libertará de injustiças e sofrimentos. Porém, isso só acontece no final, pois o sofrimento dos mocinhos é essencial para causar a empatia do público, e dessa forma construir uma grande expectativa pelo desfecho.

CONCLUSÃO

Ficou demonstrado que a novela adotou em sua produção e realização conceitos fundamentais do melodrama na busca de atrair a atenção do público para seu discurso político, que tem por objetivo alertar o povo brasileiro à importância de ter uma vida política ativa, conhecer os candidatos, votar com consciência, a fim de promover uma união do povo por um país mais justo.

Entremeando as características citadas de romances, sacrifícios, segredos revelados, entre outras, aos exageros do melodrama e à mise-en-scène propositalmente pomposa, criou-se uma novela única, lembrada até hoje por seu caráter inovador. Muito embora a concepção inicial de “Que Rei Sou Eu?” date do ano de 1977, foi na efervescência política da Nova República que a novela encontrou sucesso, conectando-se perfeitamente com a conjuntura política e oferecendo ao brasileiro uma visão ao mesmo tempo ácida, divertida e sagaz sobre aquele momento.

Assim como ocorreu com outras novelas daquele período, os personagens de “Que Rei Sou Eu?” também foram linkados à “personagens” da vida política do país. Temas como abuso de poder, manipulação, ineficiência do governo em determinados aspectos possibilitaram que o público fizesse essas análises. Muitos acontecimentos ao longo da

trama também tinham clara inspiração na vida real, como a troca da moeda do reino de “ducas” para “caducas”, à exemplo do Plano Cruzado.

O elenco bem escolhido e a direção teatral também auxiliaram no engajamento do público com a novela. No meio de todo o exagero, das caras e bocas, dos risos e choros, a mensagem principal encontrava espaço para ser assimilada. O carisma de atores em suas interpretações, fazendo exatamente o que pedia cada personagem e sua função na história, foram fundamentais.

A alegoria feita por meio da localização da trama na Europa Moderna, também permitiu a ligação entre o Brasil de 1989 e a França da Revolução Francesa. Os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade também eram coerentes com um Brasil dividido e fragilizado. Além do visual irreverente e ousado que essa ambientação permitiu, atraindo o telespectador também pelo olhar.

Em suma, a mistura única de alegoria histórica, realismo e um melodrama escrachado garantiram à “Que Rei Sou Eu?” altos índices de audiência, uma relevância em meio à história da telenovela brasileira e um status de “novela das 19h” diferenciada, que para além do aspecto cômico inerente ao horário, trouxe uma crítica pesada disfarçada em ouro e coroas.

REFERÊNCIAS

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Parte 2, Capítulo 2, “Do folclore ao popular”, p. 142-167, *In: Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997

ARBEX, José Jr. Rede Globo: **Teledramaturgia e Poder Sobre a Ditadura**. Revista Nhengatu. São Paulo, nº 3, 2015

FRANCFORT, Elmo. **Gabus Mendes: Grandes Mestres do Rádio e Televisão**. São Paulo, Editora In House, 2015

XAVIER, Ismail, A Alegoria Histórica, p. 339-379, *In: Teoria Contemporânea do Cinema, Vol. 1: Pós-Estruturalismo e Filosofia Analítica*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2005

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Memória e identidade na telenovela brasileira**. 2014, Anais. Belém: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2014

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Ficção Televisiva e Identidade Cultural da Nação**. Revista Alceu, vol. 10, nº 20, p. 5-15. Rio de Janeiro, 2010.

JULIANO, Dilma Beatriz Rocha. Que Rei Sou Eu?: A Exposição das Fraturas da Modernidade Brasileira. In: **Televisão: Formas Audiovisuais de Ficção e Documentário**. Palhoça, Editora Unisul, 2013, p.75-91

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª Edição, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994

ALMEIDA, Alessandro de; ALMEIDA, Edwrigens A. Ribeiro Lopes de. **Que Presidente Sou Eu? A Telenovela Como Instrumento de Propaganda Eleitoral nas Eleições de 1989**. Revista História e Perspectivas, Uberlândia, nº 51, p. 337-354, 2014

BAZIN, André. O mito do cinema total. In: BAZIN, André. **O Cinema – Ensaios**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991, p. 19-33

BERNARDET, Jean Claude. **Qual é a História?**. Artepensamento. 2005

BORDWELL, David, THOMPSON, Kristin. Parte 3, Capítulo 4, O Plano: Mise-en-scène, p. 205-271, In: **A Arte do Cinema, Uma Introdução**. São Paulo, Editora da USP, 2013

HUPPES, Ivete. Drama Histórico, In: **Melodrama: O Gênero e sua Permanência**. Cotia, Ateliê Editorial, 2000